

Os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil: Um viés descolonizador

Autor Gilmar Ribeiro Pereira, Co-autor Guilherme Costa Garcia Tommaselli,
Co-autor Adilson Luiz da Silva

gilmar.pereira@ifms.edu.br autor(a), guilherme.tommaselli@ifms.edu.br co-autor(a)1,
adilson.silva@ifms.edu.br co-autor(a)2.

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

V Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG IFMS 2025

Resumo O texto aborda os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil: um viés descolonizador, destacando as desigualdades sociais e étnico-raciais que historicamente marginalizaram povos originários e afrodescendentes no Brasil. A população negra, que representa 53% da população brasileira, enfrenta o racismo estrutural, que impõe padrões estéticos eurocêntricos, desvalorizando suas identidades e culturas. Através de citações teóricas como (Gomes 2017, Braga 2021, Deleuze 1974, Mota Neto 2016 e Foucault 1987), o texto explora como o corpo negro foi subjugado, objetificado e associado a estereótipos pejorativos, como o exótico/erótico, reforçando hierarquias raciais. O objetivo central é denunciar o apagamento histórico e cultural sofrido por negros e indígenas, além de refletir sobre a resistência e resignificação da beleza negra. Movimentos sociais e políticas afirmativas têm promovido visibilidade e valorização da identidade negra, como exemplificado pelo projeto "Beleza Negra" no IFMS/campus Três lagoas-MS., no entanto, persistem desafios, como a folclorização do corpo negro e a reprodução de mitos da democracia racial. Por fim, enfatiza a necessidade de descolonizar os padrões estéticos e promover o respeito às diferenças, reconhecendo a diversidade étnico-racial como fundamental para a superação do racismo. O texto defende uma estética emancipatória, que valorize a negritude e as culturas afro-brasileiras e africana, caminhando para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-Chave. Estética, raça, racismo

Abstract This text addresses the aesthetic-corporeal knowledge of Blackness in Brazil: a decolonizing approach, highlighting the social and ethno-racial inequalities that have historically marginalized Indigenous and Afro-descendant peoples in Brazil. The Black population, which represents 53% of the Brazilian population, faces structural racism, which imposes Eurocentric aesthetic standards, devaluing their identities and cultures. Through theoretical citations such as (Gomes 2017, Braga 2021, Deleuze 1974, Mota Neto 2016, and Foucault 1987), the text explores how the Black body has been subjugated, objectified, and associated with pejorative stereotypes, such as the exotic/erotic, reinforcing racial hierarchies. The central objective is to denounce the historical and cultural erasure suffered by Black and Indigenous people, in addition to reflecting on the resistance and redefinition of Black beauty. Social movements and affirmative action policies have promoted visibility and appreciation of Black identity, as exemplified by the "Black Beauty" project at the IFMS/Tres Lagoas-MS campus. However, challenges persist,

such as the folklorization of the Black body and the reproduction of myths of racial democracy. Finally, it emphasizes the need to decolonize aesthetic standards and promote respect for differences, recognizing ethnic-racial diversity as fundamental to overcoming racism. The text advocates for an emancipatory aesthetic that values Blackness and Afro-Brazilian and African cultures, moving toward a more just and inclusive society.

Keywords. *Aesthetics, race, racism*

Resumen. *Este texto aborda el conocimiento estético-corporal de la negritud en Brasil: un enfoque descolonizador, que destaca las desigualdades sociales y etnoraciales que históricamente han marginado a los pueblos indígenas y afrodescendientes en Brasil. La población negra, que representa el 53% de la población brasileña, se enfrenta a un racismo estructural que impone estándares estéticos eurocéntricos, devaluando sus identidades y culturas. A través de citas teóricas como (Gomes 2017, Braga 2021, Deleuze 1974, Mota Neto 2016 y Foucault 1987), el texto explora cómo el cuerpo negro ha sido subyugado, objetivado y asociado a estereotipos peyorativos, como lo exótico/erótico, que refuerzan las jerarquías raciales. El objetivo central es denunciar el borrado histórico y cultural que sufren las personas negras e indígenas, además de reflexionar sobre la resistencia y la redefinición de la belleza negra. Los movimientos sociales y las políticas de acción afirmativa han promovido la visibilidad y la valoración de la identidad negra, como lo demuestra el proyecto "Belleza Negra" en el campus IFMS/Tres Lagoas-MS. Sin embargo, persisten desafíos, como la folclorización del cuerpo negro y la reproducción de mitos de democracia racial. Finalmente, se enfatiza la necesidad de descolonizar los estándares estéticos y promover el respeto por las diferencias, reconociendo la diversidad étnico-racial como fundamental para la superación del racismo. El texto aboga por una estética emancipadora que valore la negritud y las culturas afrobrasileñas y africanas, avanzando hacia una sociedad más justa e inclusiva.*

Palabras clave: *Estética, raza, racismo*

Os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil: Um viés descolonizador

Resumo

O texto aborda os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil: um viés descolonizador, destacando as desigualdades sociais e étnico-raciais que historicamente marginalizaram povos originários e afrodescendentes no Brasil. A população negra, que representa 53% da população brasileira, enfrenta o racismo estrutural, que impõe padrões estéticos eurocêntricos, desvalorizando suas identidades e culturas. Através de citações teóricas como (Gomes 2017, Braga 2021, Deleuze 1974, Mota Neto 2016 e Foucault 1987), o texto explora como o corpo negro foi subjugado, objetificado e associado a estereótipos pejorativos, como o exótico/erótico, reforçando hierarquias raciais. O objetivo central é denunciar o apagamento histórico e cultural sofrido por negros e indígenas, além de refletir sobre a resistência e ressignificação da beleza negra. Movimentos sociais e políticas afirmativas têm promovido visibilidade e valorização da identidade negra, como exemplificado pelo projeto "Beleza Negra" no IFMS/campus Três lagoas-MS., no entanto, persistem desafios, como a folclorização do corpo negro e a reprodução de mitos da democracia racial. Por fim, enfatiza a necessidade de descolonizar os padrões estéticos e promover o respeito às diferenças, reconhecendo a diversidade étnico-racial como

fundamental para a superação do racismo. O texto defende uma estética emancipatória, que valorize a negritude e as culturas afro-brasileiras e africana, caminhando para uma sociedade mais justa e inclusiva.

Introdução

A construção dos saberes estético-corpóreos está intrinsecamente ligada a processos históricos de poder, dominação e resistência, que moldaram as percepções sobre o corpo negro no contexto brasileiro. Partindo de uma perspectiva crítica, este trabalho examina como as estruturas coloniais e escravocratas perpetuaram desigualdades étnico-raciais, impondo padrões estéticos eurocêntricos que marginalizaram identidades afrodescendentes e indígenas. A população negra, que hoje constitui a maioria demográfica do país, ainda enfrenta as consequências de um racismo estrutural que naturaliza hierarquias de beleza, cor e cultura.

Por meio de aportes teóricos que dialogam com autores como Deleuze (1974), Foucault (1987) e Gomes (2017), analisa-se a forma como o corpo negro foi historicamente objetificado, seja sob a ótica da exploração laboral, seja sob a sexualização folclórica. A discussão abrange ainda as estratégias de resistência contemporâneas, como movimentos sociais e políticas afirmativas, que buscam ressignificar a estética negra e desafiar os estereótipos enraizados. No entanto, permanecem desafios significativos, como a persistência do mito da democracia racial e a coisificação da imagem do negro na mídia.

O objetivo central deste estudo é evidenciar a necessidade de descolonizar os padrões estéticos vigentes, propondo uma reflexão sobre a beleza negra como ato político de afirmação identitária. Conclui-se que a superação das assimetrias raciais exige não apenas a crítica às estruturas opressoras, mas também a valorização das diferenças como fundamento para uma sociedade verdadeiramente plural e equitativa.

Os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil

Antes de enfatizar os saberes estético-corpóreos pretendemos abordar e refletir sobre a emblemática das desigualdades sociais e étnico-raciais por serem peculiaridades de produção e regulação do corpo negro, contudo as desigualdades estão em um conjunto do chamamento a à miscigenação racial (Gomes, 2017). Pois, bem, as desigualdades sociorraciais procurou, historicamente, colocar ou anular os povos originários e os povos

africanos/afrodescendentes, seja nas condições de escravização ou nas condições de expulsão de suas terras e/ou de extermínio de comunidades e de quilombos!

Com relação à população negra que, majoritariamente, hoje “representam 53% da população que vive e constrói no nosso país” (Gomes, 2017, p.19), impôs-se o nefasto racismo, que ainda apresenta suas normalidades, pois as desigualdades sociais e étnico-raciais recaem, também, sobre o corpo negro, uma vez que constitui, historicamente, o gosto estético, perfeito e de monocultura. Nesse olhar, no livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis (1993 [...], p.194), o narrador-personagem aborda:

Quero deixar aqui, entre parênteses, meia dúzia de máximas das muitas que escrevi por esse tempo. São bocejos de enfado; podem servir de epígrafe a discursos sem assunto: [...]. Não se compreende que um botocudo fure o beijo para enfeitá-lo com um pedaço de pau. Esta reflexão é de um joalheiro [...].

Então, qual é o incomodo da citação? O outro não é somente o estranho/diferente, e para normalizá-lo - o Joalheiro é rude com a cultura do “Outro”, ao enfatizar a feiura do botocudo com um pedaço de pau que fura o beijo, então, para o Joalheiro, a beleza está no adereço de ouro ou prata, dando um valor econômico e, ao mesmo tempo, adota e afirma o preconceito cultural, traços esses de que a não-beleza em “furar o beijo” não segue um padrão ocidental da brancura, ou seja, decorrentes não somente de definições tecnológicas, mas também de metamorfoses de olhares.

Nessa condição fugaz que pretendo abordar aqui como histórico e linguístico, da construção dos ditos e de que forma foram silenciados os não ditos, sejam, nas suas narrativas ou nas condições de memórias; seja nos descasos com os arquivos ou nas condições estéticas; seja nas despersonalização das identidades ou na descaraterização da língua.

Tal apagamento histórico (de)marcou, para a cultura afro-brasileira/africana e indígenas, imagens que os colocariam em condições de subalternidade, uma vez que o sistema capitalista endossou na modernidade a obscuridade da colonialidade e da escravização (Mota Neto, 2016). Mas, para que tal projeto político-econômico-cristão desse certo, era preciso, nesse ensejo, que os mitos distorcessem a realidade ao classificar a população africana de “Negros e Negras”.

Todavia, a estetização imagiária é construída pelos chamados mitos novos, em consonância com Deleuze (1974) assevera que, o mito é uma estrutura circular, em paradigmas de atuação e de diferentes formas, ou seja, narrativas que fundamentam os

efeitos e sempre com alguma pretensão. São narrativas que constituíram outras realidades, ou seja, realidades falsas e desconjunturais no sentido de emergir superiores figurantes aos povos da África, pois faz vir à tona um Outro, não nas condições de seres humanos e, sim, com uma perda de existência moral para uma contemplação da existência estética de enunciados e de signos de dessemelhanças. Por conseguinte, Deleuze (1974, p.260) afirma que:

Trata-se de selecionar os pretendentes, distinguindo as boas e as más cópias ou antes as cópias sempre bem fundadas e os simulacros sempre submersos na dessemelhanças. Trata-se de assegurar o triunfo das cópias sobre os simulacros, de recalcar os simulacros, de mantê-los encadeados no fundo de impedi-los de subir à superfície e de se “insinuar” por toda parte.

Assim, fundamentou-se a cosmologia da civilização ocidental de que a cor preta é um simulacro sem semelhança alguma, pois foi inventada e tal invenção lhe impõe os signos da mancha física, da moral, da morte, da corrupção, da preguiça, das indolências, entre outras, enquanto as cópias “boas” se dispõem a serem o “Saber” e o modelo, demarcando um sacrilégio de que a cor branca são os gestos da vida e da pureza, então, não é à toa que a branquitude tornou a estética do perfeito e do ideal a ser espelhado como outro (exterior), e não como o Outro (interior).

Em consonância com Nascimento (2019, p.8), “é preciso entender, portanto, o signo “negro” como um conceito novo, criado pela branquitude e não como um conceito natural”. Entende-se que foi uma imposição do capitalismo e da colonialidade, o transcendente da modernidade, ou seja, foram populações que se tornaram reféns das escravizações e, contudo, tiveram que abrir mão de sua língua para criarem meios de defesa para sobreviverem às duras condições do trabalho escravocrata. Cabe, ainda, reforçar que a língua que resistiu foi a do colonizador como o interlocutor, portanto, colocou a fala do negro na invisibilidade, pois teve que se adaptar aos novos enunciados da linguagem (Nascimento, 2019).

À luz desse raciocínio, as raízes do racismo têm apagado a identidade da população negra no Brasil, uma vez que boa parte de suas memórias se perderam ao longo da história, e o sistema da modernidade os levou a olhar para as “cópias perfeitas”, nesse quesito, o branco e, assim, constituírem a estética de aproximação ao branco, como alisar ou raspar o cabelo; vestir-se como branco; falar como branco; escutar músicas de branco e absorver conteúdos escolares que abordam as histórias dos vencedores e carrascos/as brancos/as.

Em se tratando do corpo negro/a, ainda é visto de forma pejorativa e rotulados como exóticos/eróticos, ou, são assujeitados em uma linguagem de significações que florescem com uma folclorização histórica, como a mulher negra para produzir e mulata para saciar-se, ou melhor, o corpo de africanos e de africanas com profundas “cicatrices” desse imaginário depreciativo. Nesse sentido, o corpo é “mutilado”, isto é, suprimido a uma outra realidade da tecnologia política, pois o corpo torna-se força produtiva e útil ao processo de significações dóceis e adestrados para o poder (Foucault, 1987).

Para Courtine (2013, p.11):

o corpo é também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o supliciam, o constroem a trabalhos, o obrigam a cerimônias, cobram dele signos.

São situações que vão além das marcas traçadas no corpo pelo racismo, mas que (de)marcam a autorrejeição, que o reduz a materialidade negra no contexto da inferiorização racial (Gomes, 2017), definindo que o corpo ideal é da branquitude, ou seja, uma monocultura do corpo, sendo censurado e desfigurado (Foucault, 2013). Todavia, nota-se como tais projeções, ainda estão presentes nos dias de hoje. Entretanto, pode se dizer que houve avanços, mas, tem muito ainda a se fazer para minimizar o racismo institucional e estrutural.

Em momentos atuais, a estética-corpórea tem ganhado tonalidade na referida beleza negra, como uma possível revitalização e ressignificação das relações étnico-raciais. Tais políticas são resistências e lutas do movimento negro que, por meio do Estado conseguiram incorporar políticas públicas afirmativas de visibilidade, bem como, de alcance e de efeitos colaterais positivos, para com afirmação identitária e de subjetivação dos sujeitos/as negras/os em um processo histórico de atravessamento a outros (Braga, 2021).

Braga (2021) ainda acrescenta que “os conceitos de beleza negra – igualmente rarefeitos – estão respaldados pela história, mas também atravessados pelos discursos da mídia, da moda, do mercado, da política, do consumo, da globalização” (Braga, 2021, p. 207). Aqui podemos destacar a mudança que houve na emissora Rede Globo (2017) com

aparição do símbolo “mulata¹ Globeleza”², quando transmitia o corpo nu pintado em várias cores, para anunciar, comercialmente, a chegada do carnaval.

Contudo, agora traz um corpo vestido com as cores da diversidade cultural, ou, tal harmonização, ainda, reveste e reforça o mito da democracia racial. Ou ainda, de alguma forma denota/conota a cor do pecado (Braga, 2021). O corpo da mulher negra anuncia o símbolo da colonialidade, da “mulher negra para trabalhar”, enquanto, “mulher mulata para fornicar”, paira puramente sobre este corpo um dispositivo de racialidade de exposição regulada. A objetivação sexista imposta por meio de uma festividade cultural massificada que é o carnaval, num tom de pele de exploração sexual, ou da espetacularização do corpo.

Nesse sentido, o corpo da mulher negra é encenado como algo avantajado, sensual e desejado como uma obra de arte, exposta a teatralização de uma folia carnavalesca (Braga, 2021). Todavia, essa objetivação das silhuetas do corpo faz com que sejam símbolos coisificados em perspectiva de erotismo e luxúria. Porém, não podemos esquecer do “discurso moral”, que mulheres são também o objeto de reprodução; daquela que cuida do lar; que educa os filhos e seguem uma religião cristã. São corpos domesticados, regulados, disciplinados e dóceis, que acentuam o patriarcado da branquidão.

Com relação aos dizeres dos padrões de beleza, ainda recaem em modelos eua-euro-cêntrico de branqueamento. Uma vez que o branco está em um sentido de indivíduo em si mesmo, enquanto, os/as negros/as são o traslado da coletividade na referida cor e raça (Gomes, 2017). Ainda no trato dos dizeres, cabe ressaltar que os dispositivos citados podem mais possibilitar controles e sistematização de condições de mercadorias do que, verdadeiramente, superação do identitarismo, que ainda os classifica em “cópias imperfeitas” (Deleuze, 1974), e não lhes oferecem a emancipação da cor, da pele, do corpo, da vida, enquanto ser (de)ontológico.

Portanto, é caminhar para uma diversidade sem o recalcamento da tolerância, e sim, no reconhecimento do respeito mútuo que dialoga com as diferenças e alteridades, já que somos todos nós diferentes nas singularidades (Skliar, 2006). Ainda Skliar (2006, p.30-31), enfatiza: “[...] tudo é diferença, todas são diferenças. E não há, deste modo, alguma coisa

¹ A etimologia do termo “mulata” remete à palavra “mula” – animal resultante do cruzamento entre espécies distintas (jumento e égua), frequentemente estéril. Essa origem revela a perspectiva desumanizante presente no imaginário da escravização, que associava a mestiçagem a uma condição intermediária e inferior. A expressão reforçava uma hierarquia racial de branqueamento superior e a mulher negra é vista como algo animalizado, sexualizada e erotizada (Santos, 1981).

² GELEDÊS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Brasil: 12fev2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vestir-globeleza-deixa-nu-o-mito-da-democracia-racial/> - Acesso em: 30/01/2024 – hora 14h:38min.

que não seja diferença, alguma coisa que possa deixar de ser o contrário, o oposto das diferenças”.

O que propomos aqui é o sentido de descolonizar um compreender por meio das experiências e das diferenças para com o outro e os outros. Um descolonizar para questões como: religião, sexo, idade, raça, gênero, etnia, trabalho, festividades culturais, educação e claro a beleza negra na sua emancipação do corpo, enquanto identidade coletiva de negritude. Inclusive, descolonizar para a ressignificação da cultura afro-brasileira e africana, já que nos tempos de hoje, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de (2022), “cerca de 92,1 milhões de pessoas (ou 45,3% da população do país) se declararam pardas”. Foi a primeira vez, desde 1991, que esse grupo predominou”³.

O que significa que são efeitos das ações afirmativas e das possíveis políticas públicas que têm sido o desdobramento dessa caminhada de lutas e resistências da população negra. Nessa “coisa de pele”, o compositor/cantor Jorge Aragão, manifesta: “Podemos sorrir, nada mais nos impede/ Não dá pra fugir dessa coisa de pele/ Sentida por nós, desatando os nós/ Sabemos agora, nem tudo que é bom vem de fora/ É a nossa canção pelas ruas e bares, que/ Nos traz a razão, lembrando Palmares”⁴.

Nesse sentido, o idealizador do projeto “Beleza Negra”, professor Preto Tommaselli, declara, “[...] esse elemento **estético** também me provocou **repensar** sobre mim mesmo. Eu pensei que eu precisava: ... **africanizar** e tornar mais negra a minha própria identidade visual, porque eu percebi que eu era o polo de representação [...] estética para os/ alunos”. Logo, a inquietude do professor Preto Tommaselli é fazer emergir a sua subjetividade que, num determinado momento, foi suprimida por um outro rosto que não fosse o dele, e se permitir a romper com essas estruturas do espelho do outro, é repensar a sua subjetividade, não somente para si, mas que esse atravessamento seja para o outro, em condições estéticas em um rosto que imaginaria ser (Nogueira, 2021).

O sentido da pele/raça é exaltado em condições de vida e de que o corpo negro está além de significações exóticas e eróticas, isto é, a representativa da negritude é estética de um devir negro/a, que perpassa por uma africanização de semelhanças do que somente diferenças. Assim, concomitantemente com a semana da consciência negra, tem-se a ação

³ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Brasil: 2022. Disponível em: [Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](https://www.ibge.gov.br/noticias/2022/pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda-agencia-de-noticias-ibge.gov.br) – acesso em: 30/01/2024. Hora 15h:15min.

⁴ LETRAS. Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jorge-aragao/69362/>. Acesso em: 30/01/2024 – hora 15h:40min.

pedagógica do concurso da “Beleza Negra” no IFMS/Três Lagoas, que tem despertado o aquilombar da resistência negra, um sentido de linguagem dos saberes estético-corpóreos. Portanto, é isso que deve ser retomado, as festividades que interseccionam a comunidade negra, ao fazer dessas relações étnico-raciais possibilidades representatividade descolonizada e de políticas antirracistas.

À guisa das considerações finais

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho evidenciou como os saberes estético-corpóreos da negritude no Brasil, estão profundamente imbricados em relações de poder historicamente constituídas, que relegaram o corpo negro a uma posição de subalternidade no imaginário social brasileiro. Os processos de colonização e escravidão não apenas impuseram violências físicas e simbólicas, mas também estabeleceram um regime estético eurocêntrico que persiste em suas formas contemporâneas de exclusão. Como demonstrado, a naturalização desse padrão hegemônico de beleza opera como um dispositivo de manutenção das hierarquias raciais, reforçando estereótipos que oscilam entre a animalização e a exotização dos corpos negros.

Contudo, o estudo também destacou as estratégias de resistência desenvolvidas por movimentos sociais e iniciativas acadêmicas que buscam desconstruir esses paradigmas opressores. Projetos como o concurso da "Beleza Negra" no IFMS/campus- Três Lagoas e as transformações nas representações midiáticas apontam para a possibilidade de ressignificação da estética afro-brasileira como ato político de afirmação identitária. Essas iniciativas demonstram que a reivindicação por visibilidade e reconhecimento passa necessariamente pela descolonização dos padrões de beleza e pelo questionamento das estruturas que sustentam o racismo institucional.

Nesse sentido, conclui-se que a superação das desigualdades estético-corpóreas exige um compromisso coletivo com a valorização da diversidade étnico-racial. Isso implica não apenas a implementação de políticas afirmativas, mas também a transformação dos imaginários sociais através da educação antirracista e da ampliação de narrativas que contemplem a pluralidade de experiências negras. O caminho para uma sociedade verdadeiramente equitativa pressupõe, portanto, o reconhecimento da beleza negra em sua potência transformadora, capaz de subverter as lógicas coloniais que ainda permeiam nossas concepções de corpo, identidade e pertencimento.

Por fim, este estudo reforça a importância de pesquisas futuras que aprofundem a discussão sobre as interseccionalidades entre raça, gênero e classe nos processos de construção estética, contribuindo para a desnaturalização dos privilégios brancos e para a consolidação de um paradigma social pautado no respeito às diferenças e na justiça epistêmica.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.
- BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos: EdUFSCar, 2021.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EduFSCar, 2009.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico; as heterotopias**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 edições, 2013.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda**. Agência de Notícias, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- LETRAS. Belo Horizonte, MG. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/jorge-aragao/69362/>. Acesso em: 30 jan. 2024.
- MOTA NETO, João Colares da. **Por uma pedagogia na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Curitiba: CRV, 2016.
- NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico é sobre palavras?** Língu@ Nostr@ - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística, Vitória da Conquista, v. 8, n. 1, p. 3-15, jan./jul. 2021.
- GELEDÉS INSTITUTO DA MULHER NEGRA. **Vestir Globeleza deixa nu o mito da democracia racial**. 12 fev. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vestir-globeleza-deixa-nu-o-mito-da-democracia-racial/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente: significações do corpo negro**. São Paulo: Perspectiva, 2021.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é racismo**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SKLIAR, Carlos. **A inclusão que é "nossa" e a diferença que é do "outro"**. In: RODRIGUES, David (org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação**. São Paulo: Summus, 2006.